ESTUDOS REUNIDOS (*)

(Mitologia, Geografia e História)

GUARINO ALVES

Primeira Parte

1

NOTÍCIA DO IPUPIARA

Lendo o formoso livro de Veríssimo de Melo (**Folclore Infantil**, 1981) transportei-me nas asas d'oiro da recordação aos páramos mais descuidados da minha vida. Época, em suma, que ainda se projeta na memória como invisível traço unindo a infância à juventude aventureira. Na primeira fase, em João Pessoa, brinco com as meninas risonhas e francas, **Na mão direita tem uma roseira,** e na última, em Natal, impressionam o espírito as estórias fantásticas.

Acreditei em serpentes aquáticas d'olhos chamejantes, em peludos lobisomens, e, mui especialmente, em sereias. Quando eu ia "tomar banho" na lagoa de Manuel Felipe, ou na lagoa Seca, com meus companheiros de Colégio, o assunto, a meio caminho, era o "perigo" de cobras e de mães d'água.

E tudo isso por causa das lendas envolvendo a lagoa de Extremoz com misterioso poço Verde, onde existiram — talvez ainda existissem — formidáveis serpentes. Uma dessas, dizia-se, era tão grande, tão grande que ao sair a terra, à noite, para alimentar-se, costumava enroscar-se na Capela do povoado.(1)

Inarredável da lembrança, da mesma forma que os acalantos, parlendas, adivinhas, jogos populares e cantigas primorosamente atualizadas por Veríssimo de Melo é o "Pontão" que havia no rio Potengi, confronte à Igreja do Rosário, um navio atascado a poucos metros da margem. Nas suas imediações morava uma "Tintureira", tubarão fêmea, que, de tão velha criara ostras no lombo. Por ali assim a meninada não tomava banho.

Hoje, a juventude não se impressiona com tais coisas, mas, intimamente, todos conservam um germe de curiosidade, acreditando sem "acreditar", querendo ver para crer. O homem tem dentro de si uma eterna criança, e por isso, correm os séculos, o mundo se adapta a inovações impostas pela Ciência e a Técnica, modificam-se os usos e os costumes, porém não desapareceu, por exemplo, o fanatismo de índole religiosa e, muito menos, as artes diabólicas.

A propósito, recorde-se que, em 1978, concentraram-se diante da Mesquita de Srinagar, em Chachemira, cerca de cem mil muçulmanos, atraídos para a instalação de uma urna contendo um fio de cabelo de Mohammed, remotíssimo de 1346 anos!

Esse fervor fanático, dir-se-ia consequente de mil batalhas sustentadas nas rotas transarianas pelos Califas sucessores do Profeta, tendo por lábaro o **Korão**, encontra símile na crença de orientais venerando um dente de Buda na ilha de Ceilão, ou a marca de um pé do rechonchudo filósofo fixada numa pedra da montanha de Ham-a-Lil, ou seja, o Pico de Adam. Fato, aliás, que se repete ao norte de Luvo, no Sião, o **Prat-Bat** ou Pegada Sagrada.

Na Índia da bomba atômica, ainda se consagra ao touro, homenagem religiosa, como no caso dos dois monumentos famosos, o de **Rotrem**, em Trinomali, animal talhado em mármore negro, e o de **Nandy**, em Maissur.

À vista disso, em confronto com a eterna infantilidade dos homens em roda do Universo, não me acanho das minhas

crendices, na juventude, nem desdenho dos adultos que, outrora, no alvorecer do Novo Mundo, persignavam-se ante qualquer notícia de monstros inqualificáveis.

Exemplifico com o Cosmógrafo Duarte Pacheco Pereira (**Esmeraldo de situ orbis**, 1505) que, divinamente crédulo escrevera sobre serpentes americanas, grandes de **hum quarto de legoa**, acentuando: **sua grossura & olhos boca & dentes respodem a su grandeza.**

Affonso de E. Taunay dizia que no rio Tietê, ao tempo dos Bandeirantes, houve verdadeiros monstros anfíbios, serpentes medindo até uma braça de diâmetro.

Mas, para Duarte Pacheco, a carne dessas imaginárias serpes que nascem nas lagoas e depois procuram o mar **he tam molle que se nom pode maiz dizer, & tanto que entram no mar todas se desfazem em augua.** Demais, muito raras, somente vistas de dez em dez anos, justificando-se o ilustre Cosmógrafo português:

....**isto he duro de crer a quem nom tem a pratica destas couzas como ha nós temos.** (2)

E ninguém se admire. Ninguém desfigure a credibilidade do sábio navegador, tendo-se em vista que Amerigo Vespucci viu na ilha de Fernão de Noronha lagartos de cauda dúplice!

Muitíssimo espantoso, diga-se de passagem, é Alexandre Magno enfrentar um exército de tartarugas, ou, no plano mitológico, Hércules, que matara a Hidra-serpente de sete cabeças.

Ontem e hoje, repita-se, somos as mesmas crianças nesse mister de "acreditar" em coisas fabulosas. Por exemplo: fala-se, vez por outra, no **Abominável Homem das neves**, e já se preparava em 1981 uma expedição ao Congo, promovida por um casal americano com o intuito de descobrir ainda "vivo" e "bolindo" um remanescente dinossauro, cuja raça está extinta há sessenta milhões de anos! Pensam assim Herman Regustes, sua mulher Kia, e Judy Benjamin, mas tudo baseado em simples versão conservada por uma tribo de pigmeus

que chamam a um exótico animal parecido com dinossauro — **Mookele mbemba.**

Na Escócia o **Lago Ness** permanece atraindo a curiosidade dos cientistas. Em fevereiro de 1983 noticiava-se que um Radar muito sofisticado havia detectado a existência de dois gigantescos monstros movendo-se nas profundezas das águas!

E isso me lembra o que ocorrera com o "monstro" da lagoa de Palmácia, no Ceará, conhecido pelo nome de **Bicho da Lagoa Verde**, motivo de largas reportagens da imprensa. Depois de muitas caçadas sem êxito a verdade veio à tona: era um pequeno jacaré que, medroso, só mostrava o lombo durante a noite, mormente em noites de lua. Morto o bicho, pelos caçadores supersticiosos, cessaram as "aparições"...

Quem não se recorda da grande serpente habitando o **Quarto Escuro** da Fortaleza dos **Três Reis Magos**, em Natal? Conversa animada de estudantes, passatempo e delírio ou cousa que o valha. Mas, na vetustíssima Cidade de Alcântara do Maranhão o povo ainda acredita na fenomenal serpente situada no subsolo, cuja cabeça demora no local da Prefeitura e a cauda na Fonte de Miritiva. E dizem: **No dia que ela estrondar, Alcântara se acabará!**

* * *

Em verdade, a Época Moderna descobrira as Américas vestida **a medieval**. Seres míticos atravessaram o Atlântico no bojo das caravelas e se uniram a outros de origem nativa. Não deve, assim, surpreender-nos o Dragão Verde, volante, de língua de fogo, do Estado do Paraná, figurante no mapa de Pedro Reynel, 1516, nem aqueloutros de **Castilla del Oro**, mapa de Diego Ribeiro, 1526. Afinal, são inúmeros os exemplos de animais exóticos, alguns dos quais transmigrados da Europa e Ásia pela imaginação de marinheiros supersticiosos. Haja vista o Almirante turco Pires Réis, conforme a sua Carta marítima de 1513, intercalando na fauna sul-americana um Unicórnio, e também W. R. Jackson que noticiara a presença de um **Rhinocerus unicornis** na Flórida.

Antigamente era assim, e por isso se entende porque o cartógrafo Joañen Baptistam Vrient fez figurar no mar da Índia (**Orbis Terrae Compendiosa Descriptio — Ex peritissiomorum totius orbis Gaeographorun operibus desumta**) uma colossal serpente, daquelas que investiam e faziam naufragar caravelas.

Houve muitas novidades no mundo dos animais aquáticos, voláteis e terrestres, às vezes, implicando o próprio amerígena.

Sabe-se por intermédio de González Fernández Oviedo, de um espantoso macaco metade para cima coberto de penas coloridas e para baixo de pelo vermelho. Ele cantava, quando queria, igual ao rouxinol!

Diego Velásquez, por sua vez, ordenara a Hernán Cortês que procurasse no país dos Astecas possíveis homens de cara de cão, além de outros com orelhas grandes e chatas.

Tais curiosidades aparecem de quando em quando nas pesquisas de escritores americanos. Mas, acredite-se que, em alguns casos, muitos desses monstros eram apenas silvícolas com máscaras horripilantes flagrados a distância por aventureiros europeus. Explicar-se-ia dessa maneira o sentido do topônimo **R:. dos dragos**, do mapa de Reynel, na baía de Paranaguá, ilustrado com aquele Dragão Verde? Sim e não, porque existiram no Brasil lagartos gigantescos e ainda hoje na Austrália existem deles, quais autênticos dragões e atacam o homem.

Jean Léry (**Viagem à Terra do Brasil**, 1578) foi testemunha do seguinte fato:

> "Certa ocasião dois franceses e eu cometemos o erro de visitar o país sem guias selvagens; perdemo-nos na mata e, quando ladeávamos profundo vale, ouvimos o rumor de um bruto que vinha em nossa direção, mas pensando que fosse algum selvagem não paramos nem demos importância ao caso. De repente a trinta passos de distância, à direita, vimos na encosta da montanha um enorme lagarto maior do que um homem e com um

comprimento de seis a sete pés. Parecia revestido de escamas esbranquiçadas, ásperas e escabrosas como cascas de ostras; ergueu uma pata dianteira e com a cabeça levantada e os olhos cintilantes encarou-nos fixamente. Como nenhum de nós trazia arcabuz ou pistola, mas somente espadas e arcos e flechas na mão, armas inúteis contra animal tão bem armado, ficamos quedos e imóveis, pois temíamos que, fugindo, o bruto viesse contra nós e nos devorasse. O monstruoso lagarto, abrindo a boca por causa do grande calor que fazia e soprando tão fortemente que o ouviamos muito bem, contemplou-nos durante um quarto de hora, voltou-se depois, de repente, e fugiu morro acima fazendo maior barulho nas folhas e ramos varejados do que um veado correndo na floresta. O susto nos tirou a lembrança de persegui-lo e, louvando a Deus por ter-nos livrado do perigo, prosseguimos no passeio. E como dizem que o lagarto se deleita ao aspecto do rosto humano, é certo que esse teve tanto prazer em olhar para nós quanto nós tivemos pavor de contemplá-lo." (3)

Também podia acontecer que alguns "monstros", reino animal, assim o eram porque além de exóticos não existiam na Europa. Basta recordar o Almirante Cristóbal Colón (**Diario de a bordo**), quando ele cita um peixe encontrado na ilha Saometo, Antilhas:

> **Pescaron también con redes y hallaron un pece, entre otros muchos, que parecia propio puerco, no como tonina, el cual diz** (Colón) **que era todo concha muy tiesta, y no tenia cosa blanda sino la cola y los ojos, y un agujero debajo de ella para expeler sus superfluidades. Mandólo salar para llevar que lo viesen los Reys.** (4)

Talvez se tratasse do mesmo peixe mencionado na **Relação do Piloto Anônimo**, publicada por Giovanni Matteo Cretico, quanto à presença de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro. Diz o seguinte:

Tem muito bom ar e estes homens (nativos) **têm redes e são grandes pescadores, de modo que entre eles vimos um peixe granque apanharam que era como um tonel e mais comprido e redondo. Tinha a cabeça como porco e os olhos pequenos. Não tinha dentes e tinha orelhas longas como um braço e larga meio braço. Debaixo do corpo tinha dois furos. A cauda era comprida, um braço e outro tanto larga. Não tinha pé em nenhum lugar. Tinha pele como porco. O couro era grosso um dedo e sua carne era branca como a de porco.**(5)

Existem no mar muitos peixes com características de animais terrestres e voláteis. Vi, certa feita, numa rede de arrasto, na Praia do Meio, em Natal, o **Peixe-cachorro.** Emitia som parecido com o rosnar desse gênero canino, e conheci também o **Peixe-morcego,** de conformação quase idêntica à de um desses mamíferos da ordem dos Quirópteros.

Conhece-se o **Peixe-porco** (Monacanthus hispidus, Lin.). O espécimen que existe na Ilha da Trindade, por exemplo, é venenoso.

Dos casos positivos pode-se pular para o inverossímil, do "acredite se quiser". Haja vista Frei Vicente do Salvador dando crédito a **homens-marinhos.** É dele este depoimento:

"Já foram vistos sair fora da água após os índios, e nela hão morto alguns que andavam pescando, mas não lhes comem mais que os olhos e o nariz, por onde se conhece que não foram tubarões, porque há muitos neste mar, que comem pernas e braços e toda a carne." (6)

Entretanto as crônicas não registam a morte, nem a captura de nenhum desses **homens-marinhos.**

Léry, mui ironicamente reporta-se a um incidente ocorrido com um pescador silvícola:

"Não quero omitir a narração que ouvi de um deles de um episódio de pesca. Disse-me ele que, estando certa vez com outros em uma de suas canoas de pau, por tempo calmo em alto mar, surgiu um grande peixe que segurou

a embarcação com as garras procurando virá-la ou meter-se dentro dela. Vendo isso, continuou o selvagem, decepei-lhe a mão com uma foice e a mão caiu dentro do barco; e vimos que ela tinha cinco dedos como de um homem. E o monstro, excitado pela dor pôs a cabeça fora d'água, que era de forma humana, soltou um pequeno gemido. Resolva o leitor sobre se se tratava de um tritão, de uma sereia ou de um bugio marinho atendendo a opinião de certos autores que admitem existirem no mar todas as espécies de animais terrestres."

Curioso é o relato de Alonso de Santa Cruz, cartógrafo e piloto espanhol. Como acompanhante de Sebastián Caboto, que se dirigia para o Rio da Prata, em 1526, com as caravelas **Santa Maria de la Concepción, Trinidad, San Gabriel e Santa María del Espinar**, disse Alonso que viu no rio Igaraçu, em Itamaracá, onde os portugueses mantinham um entreposto comercial ou **Feitoria,** dez ou doze monstros de braços pendentes, o corpo resguardado de pelos, mãos em forma de pé de pato, cabelo longo, com aspecto delgado de corpo. Ao saltarem à água, como rãs, mostravam as traseiras como as dos símios, quiçá, com peludas caudas.

Ainda segundo Alonso, os portugueses disseram que havia ali monstros com a forma de cavalo, pernas curtas e aptas para a natação como se fossem lobos-marinhos ou manátidas de Nova Espanha.

* * *

No **Diário** do Almirante Colón há referências a homens monstruosos de uma ilha chamada Bohio, talvez a **Española** como supôs o diarista. Essas criaturas eram **hombres de un ojo y otros con hocios de perro que comiam los hombres, y que en tomando uno lo degollaron y le bebian la sangre y le cortaban su natura.**

Sem dúvida alguma, nativos mascarados praticando sacrifícios às divindades ou coisa equivalente. À Folha 28 do

Diário tais antropófagos que degolavam e cortavam o pênis ao inimigo já se distinguem em duas facções: uma, de um olho só, e a outra de cara de cachorro **(perro)**.

P. L. Jacob, destro em relatar fatos correlacionados com o antropomorfismo, seguindo a linha de Delríos, acentuou que:

> ... "os demônios também podem produzir monstros, muito raros, tais como aqueles que foram vistos no Brasil com dezessete palmos de altura, cobertos de couro de lagarto, tendo seios excessivamente grandes, braços de leão, olhos faiscantes e flamejantes e a língua da mesma forma, tais igualmente como aqueles que foram apanhados nas florestas de Saxe no ano de 1240 com o rosto semi humano, fruto possível do conúbio de homem com animais selvagens, pois é esta certamente a origem da maior parte dos monstros." (7)

Houve exagero na descrição do animal visto no Brasil, pois se trata do **Ipupiara** da Capitania de São Vicente aparecido em 1564, conforme notícias divulgadas na Itália e na Alemanha, além de desenhos do enigmático peixe feitos por Nelli e Matteo Francken. Há, inclusive, um desenho de Jerônimo Luís estampado na **História da prouincia de sãcta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil**, 1576, de Pero de Magalhães Gandávo, reproduzido na **História do Brasil**, 1627, de Frei Vicente do Salvador.

Leia-se Nelli:

> **Nel bresil di sant Vicenzo nella citta di Santes apresso la di Giorgio Fernando e 'apparso questo mostro su la riua del mare uscito dell' acqua doue cridando e facendo gran rumore si riuolges per terra sopra l 'erba; et ritrouandosi il figliolo del sudeto Giorgio in casa corse al mostro, et con la spada loafronto animosamente; et lui fu ferido dal mostro si, che tutti que cascarono in terra; et il giouine meri onde quelli del paese corsero al rumore et com archi l 'ammazzorono I. a missura del mostro e 'piedi 17. la pelle di color uerd et pastosa come**

il ueluto et molle, le gambe et pied gialli, il membro di carne humana, gl 'ochie la lingua come il foco. Nicollo Nelli Ven F.

Isto é: em São Vicente, Brasil, na cidade de Santos, saiu do mar certo monstro gritando e fazendo barulho e arrojou-se em terra sobre o mato, perto da casa do súdito George Fernandes. Regressando à casa o filho de George, correu ao encontro do monstro, atacando-o com a espada. Ambos se feriram, caindo por terra, mas os criados ouvindo o barulho acudiram com arcos e acabaram de o matar. O monstro tinha 17 pés de comprimento, pele pastosa e verde, delicada como o veludo e mole, pernas e pés amarelos, olhos glanduliformes e lingua flamante, com membro sexual de carne humana.

Nas estampas acima citadas há divergências. Numa. o animal tem braços humanos, pernas e mamas de mulher, sendo que os pés tem quatro dedos com unhas recurvas, e finalmente, cabeça e pescoço de aspecto humano, língua comprida e sexo masculino (pênis). Na outra estampa os braços são também humanos, porém as mãos estão armadas de garras de leão, tem mamas e faltam os órgão genitais. Da cintura para baixo é todo escamoso e exibe cauda rodada protegida de unhas longas.

O matador vem citado na **História** de Frei Vicente: uma noite, o bicho saiu à praia, "o qual visto por um mancebo chamado Baltazar Ferreira, filho do Capitão, se foi a ele com a espada e levantando-se o peixe como um homem sobre as barbatanas do rabo, lhe deu o mancebo uma estocada pela barriga com que o derrubou e tornando-se a levantar com a boca aberta para o tragar, lhe deu um altabaixo na cabeça com que o estorduou, e logo alguns escravos seus o acabaram de matar, ficando também o mancebo desmaiado e quase morto, depois de haver tido tanto ânimo. Era êste monstruoso peixe de quinze palmos de comprimento, não tinha escama senão peles, como se verá na figura seguinte." (Na estampa indicada o peixe é escamoso).

Qual a origem verdadeira do peixe? Não tenho muita dúvida, apesar das descrições fantasiosas dos cronistas, em identificá-lo com o Leão-marinho, por outros chamado de Lobo, dada a sua ferocidade agressiva. Com efeito, quando atacado pelo homem, em terra, faz grande rumor e defende-se na vertical, equilibrado nas barbatanas da cauda.

Difícil, porém, é entender o nome amerígena — **Ipupiara.** Salvo engano, o silvícola aplicava-o a qualquer peixe exótico ou associado à idéia de **Yara.** Gonçalves Dias omitiu-o no **Pequeno dicionário da língua tupi.**

À primeira vista, **Ipupiara** compõe-se de dois elementos: **ipu,** contração de **ipoú** = pântano, lagoa, e **pirá** = peixe. Neste exemplo, um peixe do pantanal. Aliás, no interior da Bahia há uma localidade chamada **Ipupiara,** e isto parece mostrar que o peixe não foi exclusividade do evento de Santos. Haveria, pois, um **Ipupiara** lacustre, a não ser que o nome também tivesse ligação com o mar, porém de qualquer modo independente do caso relatado por Frei Vicente.

Em tupi há o termo **ipy,** significando "primeira origem". Portanto, um **ipypiara,** a Iara primitiva, geradora. Entretanto prefiro enxergar o problema por um ângulo mais simples:

Ipupiara deriva de: **i** = água + **pup** = rumor + **iara** = peixe. Temos assim uma espécie de sereia barulhenta, uma vez que **pup** é onomatopaico, a exemplo de **puc** e **poc,** principalmente o **puc,** da palavra **paranã-puc** ou "barulho do mar". Como se sabe, deste termo tupi derivou o topônimo **pernambuco.** Em suma: **puc** é estrondo, água batendo nos recifes, e **pup,** mais brando, o rumor, marulho do peixe n'água. Dessarte, **i-pup-iara,** peixe ou iara que faz barulho.

A idéia de sereia, com relação ao "monstro" de Santos parece ser consentânea com os fatos, porquanto no mapa de João Teixeira Albernaz, de 1626, regista-se à margem do rio Pará, na Baía de Marajó, uma Aldeia de **iurapupiara,** certamente apelido de algum maioral da tribo.

Este **iura**, o mesmo que **yurará** e **jurará** é a tartaruga. Interpreto o topônimo de Teixeira como se tratando de: **iura-pup-iara**, ou seja a iara (sereia) barulhenta como a tartaruga.

Terminado este estudo, verifica-se que no mundo das crianças, e eu diria, também dos adultos, mitos, lendas, estórias e acontecimentos reais são **permanência** no espírito, plenos de colorido, ativando a imaginação, despertando doces e curiosas recordações.

Do encantador **Folclore Infantil** do Prof. Veríssimo de Melo, ao mais complexo e não menos atraente assunto de antropologia cultural, o passo de bota de sete léguas é o mesmo, maravilhoso palmilhar por estradas desgalhando-se em mil e uma surpresas.

Quem não se sente atraído pelas estórias de Sereias? Quem não sente n'alma um toque de alegria renovadora ao deparar-se com jogos populares, cantigas de roda, retalhos sentimentais de uma infância querida que não voltará nunca jamais? (8)

INFLUÊNCIA DA SEREIA NA IMAGINAÇÃO DO HOMEM

Evidentemente, a conquista da Índia e o descobrimento da América serviram de colocar a Sereia em alto pedestal, reativando-se lendas aureoladas no mundo antigo. (9)

Sereia moderna, palpável, peixe-marinho, continua envolta no sedutor mistério das divindades, originária da crônica rios, as **driádes** das florestas, as **hamadríades** dos bosques, as de artistas.

Das Ninfas descendem as **nereidas** do mar, as **náiades** dos rios, as **driádes** das florestas, as **hamadríades** dos bosques, as **oreiades** das montanhas e as **napeias** dos vales.

A nossa Sereia do Mar-oceano fascina através de aspectos analisados pela imaginação dos supersticiosos.

F. Alves de Andrade, tratando do tema, mencionou Luís da Câmara Cascudo, o qual em **AS SEREIAS NA CASA DE DEUS** cita seis delas esculpidas nas bases das colunas laterais da Capela do Santíssimo Sacramento e nos dois altares vizinhos, do antigo Convento de São Francisco, em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba do Norte. Têm cabeleiras em concha, flores no ventre e cinto venusiano sob os seios. Tais sereias **funerárias,** expressão de Câmara Cascudo, não encontram símile em outras partes do Brasil.

Visitei diversas vezes o Convento, parede-meia com o **Colégio Pio X,** fundado em 1894 sob os auspícios do Arcebispo Metropolitano e dirigido pelos Irmãos Maristas desde 1927, do qual fui aluno, com meus irmãos Glauco e Garibaldi.

Efetivamente, há muitas **Sereias,** contando-se seis delas, esculpidas na Capela Dourada, além de outras figuras — atlantes, fênix, pelicanos e anjos, uma arte colonial em que se misturam e se harmonizam o Sagrado e o Mitológico.

Para o historiador norte-rio-grandense, acentua F. Alves de Andrade, **sereias** da época de Homero eram três aves, e deve-se a Ovídio a idéia de peixe.

Com efeito, tinham corpo de ave e cabeça de mulher: **Partênope, Lígia e Leucosia.** Habitavam na costa da Sicília. Conta-se que as embarcações ao passarem por ali caíam num verdadeiro redemoinho de vozes, canto ensurdecedor que levava os marujos ao delírio, obrigando-os a lançarem-se ao mar.

Virgílio, por exemplo, **Eneida,** Liv. V. v. 859, crismou os rochedos de Capri de maneira assaz poética: **Sirenum scopoli** ou escolhos das Sereias.

A propósito deste ser aquático, "peixe-mulher", leio em Nicolas Flamel **(O Livro das Figuras Hieroglíficas)** o seguinte: para os gregos a Sereia era filha de Aquello, deus do rio deste mesmo nome. Flamel exercera funções de Escrivão em Paris no ano de 1399, um estudioso de problemas herméticos (Alquimia).

Dessarte, de **náiade** o peixe passa a ser **nereida**, segunda metamorfose depois de ter sido pássaro.

* * *

A odisséia das Sereias americanas teve início com os espanhóis, prioritários no devassamento do **Mar tenebroso.** Eles passaram a designar de MAR DO NORTE (Atlântico) a dimensão entre Labrador e o Estreito de Magalhães, seguindo-se o MAR DO SUL (Pacífico) desde o Estreito até a Califórnia e demais terras que se dirigem para o norte. Entretanto, as águas que banham o Brasil chamavam de MAR DO MEIO-DIA. Além disso, subdividiram essa imensidão em parte singrada pelos lusitanos — evento **acidental** de Pedr'Álvares — em golfos. Dessarte, as águas desde os Açores até a costa espanhola formavam o GOLFO DOS AÇORES ou de ESPANHA. Deste país até as ilhas Canárias dizia-se GOLFO DE YEGUAS, porque ali foram encontradas algumas éguas das que se enviaram às índias Ocidentais no princípio da Colonização. Seguia-se o GOLFO DO MAR OCEANO, desde Canárias até as ilhas Dominica, Deseada, Barlavento, Canibales, costa de Yucatan, etc., até às ilhas do mar do Norte. Enfim, desde Nova Espanha até Flórida estendia-se o GOLFO DE NOVA ESPANHA, e de Flórida até os Açores, compreendendo o mar dos Bacalhaus, Terra Nova e toda a costa que se dirigia para o norte a denominação era GOLFO DE SAGARÇO, algas pardas boiando à flux.

No **Diário de Bordo,** F. 54, episódio de 19 de janeiro de 1453, Cristóbal Colón regista o aparecimento de três Sereias, dizendo:

> **El día pasado, cuando el Almirante íba al Río de Oro, dijo que vido tres serenas que salieron alto de la mar, pero no eran hermosas como las pintan que en algúna manera tenian forma de hombre en la cara. Dijo que otras veces vido algúnas en Guinea, en la Malagueta.**

Naturalmente, o Almirante sabia que se tratava de peixe, porém nunca o golfinho, nem a toninha. E tanto assim que em outra passagem do **Diário** ele disse: **Vinieron muchas toninas, y los de la Ninã mataron una.**

Afinal, como eram as Sereias? regulavam segundo a imaginação de quem as via, e de quem ouvia dizer. Pintavam-nas os Cartógrafos em seus mapas com ares de mulher encantadora e sensual, de seios túmidos e cabelo longo repartido ao meio. Sereias alvas, sereias morenas. As que habitavam no Mar da Índia dividiam-se em machos e fêmeas. Estas últimas tinham cauda dúplice, conforme os nautas de séculos anteriores ao da Descoberta da América. É o caso do cartógrafo judeu Abraham Cresque, Mapamundi de 1375.

Nesse interessantíssimo trabalho (**IMAGE DEL MON E DE REGIONS QUE SON SUS LA TERRA E DE DIVERSAS MANERAS DE GENS QUE EN ELA HABITAN**) complemento do **Atlas Catalán** de oito folhas, impresso em Paris por ordem do rei Carlos V, desenha-se uma Sereia de cauda dúplice. Sentada sobre as ondas, ela segura com as mãos as caudas erguidas para o alto. Legenda:

> **Son açi atrouades II natures de peix que s'appeler Sirenas la una es mya peix e l'autre mya auxel.**

Curiosa é a ilustração existente na **Cronica de D. João I**, de autoria de Fernão Lopes, exemplar da Biblioteca Nacional de Madri: o Peixe-mulher, de longa cabeleira negra e seios bem proporcionados está enlaçada pelas mãos a um espécimen macho, barbudo, formando círculo, num movimento coreográfico.

* * *

Escrevia-se **Serena** e também **Sirena**. A propósito, lembro, aqui, uma reportagem de Oswald Barroso, publicada na imprensa cearense (**O Coco de praia em Majorlândia**). Refiro-me ao ritornelo do batuque: **Ô serena do mar!**

Ressalte-se que Barroso colheu a letra de modo auricular, sem maior preocupação documental. Coco, diga-se de passagem, realizado de improviso por pescadores em 1978, os quais conservam tradições folclóricas da terra aracatiense.

Canta o pescador batendo com as mãos num caixote:

> **Vou-me embora, vou-me embora, / Ô serena do mar (bis) / Como eu disse eu sempre vou, / Ô serena do mar (bis) / Se não for na barca nova, / Ô serena do mar (bis) / Na velha também não vou, / Ô serena do mar (bis).**

O termo SERENA, ao invés de SEREIA, poderia identificar uma peça folclore de origem castelhana ou talvez galega. Porém, tanto na Espanha como em Portugal dizia-se e também se escrevia: **serena** e **sirena**. Esta última grafia proporcionou a modulação **sirene**, pelo que presumo.

Leia-se, por exemplo, Frei Manoel Calado (**O Valeroso Lucideno**) nesta parte do poema épico:

> **Não me assombram de Circes, e Medéia, / Transformações de seu fingido encanto, / Nem de Homero invejo a fértil veia, / Nem Sirenas me causam grande espanto: / Porque quem canta ao certo, não receia, / E quem pura verdade estima tanto, bem / Pode escrever glórias, e mais penas, / Tendo a intacta Virgem por Mecenas.** (10)

Portanto, **Sirena**. O penúltimo e o último verso são uma jóia de louvor à Mãe de Deus, o sagrado em contraposição ao Mitológico.

Em literatura brasileira o peixe exótico pode ser Nereida, Iara e Mãe d'Água. Na história do Rio Grande do Norte, por exemplo, a toponimia regista um "Rio da Bela" ou "das Ninfas", olheiro em Canguaretama. No Morro Branco, linda praia de Beberíbe, no Ceará, o povo batizou recentemente a tênue línfa que escorre do manancial formado pelas chuvas, no âmago das areias volantes, de "Bica" e também "Gruta da Mãe d'Água".

O que é certo é que **Sirena** ou **Sirene** passou a nomear a buzina das fábricas, das viaturas de bombeiros e da polícia, dos Bancos, Hospitais, Presídios, navios e barcos portuários. **Sereia**, por sua vez, é instrumento que em Física determina o número de vibrações do Som.

Há, inclusive, o aforismo: **não caia no canto da Sereia!** Efetivamente, meu saudoso pai, Antônio Alves de Oliveira, **jornalista de combate, inesgotável e fiel**, na palavra do historiador Luís da Câmara Cascudo(11), Diretor-proprietário do periódico **A UNIÃO**, no município do Ceará-Mirim, escrevera num editorial sobre a personalidade do Cel. Felismino do Rego Dantas Noronha, Presidente da Intendência Municipal e representante do Partido Republicano em 1913, o seguinte: "Sempre aguerrido e intransigente, sempre prevenido contra os cantos das **sereias**, tendo diante de si a imagem da pátria, a consciência calma e sossegada, no decurso de sua vida política."(12)

Canto de Sereia, ardil. Só os incautos o escutam e se deixam enganar.

* * *

Obviamente, intelectual de fino gosto não gastaria o oiro da emotividade com exaltar "feiúra" do peixe-mulher. Ao invés, canta e decanta a beleza da fêmea sensual. Porém assim não pensava o homem comum, pescador, barqueiro bronco dos rios, que não era poeta, nem surrealista, perdido na indiferença generalizada, temeroso, entrevendo algo terrível na Voz oculta da **Naiade** misteriosa.

Darei exemplo com Taunay **(História Geral das Bandeiras)**, quando se refere a Lacerda e Almeida, autor do Diário de viagem **feita de Vila Bela até a cidade de São Paulo pela ordinária derrota dos rios no ano de 1788.**

Escreveu o insígne historiador:

"Para o lendário das monções concorreu Lacerda e Almeida com uma contribuição de relativa importância, embora curiosa.

Do proeiro e da tripulação do seu canoão diz-nos que eram muito supersticiosos. O primeiro falava-lhe constantemente na existência das mães d'água nos poços profundos dos rios. Eram elas quem levantavam grandes ondas e faziam a muita bulha escutada da profundeza dos grandes caldeirões. Devia-se-lhe a morte de muitos homens.

"Pedi ao proeiro a descrição destas encantadas matronas e ele não obstante nunca ter visto me fez a descrição de um monstro mais horrendo do que pinta Horácio.

Intentei desabusá-lo mas ele e toda a comitiva se mostraram tão ressentidos e pertinazes que para o contentar e evitar alguma sublevação (sic) me vi obrigado a seguir o partido das mães d'água encantadas."

A tal propósito, filosofa o cientísta: "como é dificultosa empresa o desaferrar das suas opiniões a homens rústicos! E também a muitos sábios que são presumidos!".

Deve-se ao intelectual, sobretudo o poeta, o elogio do Belo, como no caso dos cearenses Antônio Sales, Juvenal Galeno, Carlyle Martins e Otacílio de Azevedo. (13) No Rio Grande do Norte, Antônio Soares produziu a **Lenda da Iara** (naiade), poema sobre o encantamento da lagoa de Papari, musicado por Antônio Xavier de Assis. Em Caicó, neste último Estado, existe, aliás, uma Lagoa Encantada, provavelmente topônimo relacionado com lendas de Mãe d'Água.

De Galeno conheço o **Amor-Fatal**, poema de pescador que ouvira no mar o canto da Sereia com promessa de fazê-lo feliz, dizendo-lhe:

> **Meus palácios cristalinos / Meus jardins de bela flor, / Meus olhares, meus sorrisos, / Cada qual de maior ardor, / Os meus beijos deleitosos, / De meu seio o puro odor... / Tudo dou-te em sete dias / Para voltando dispor...**

O pescador atendeu o chamado, descendo aos palácios cristalinos, e houve **quem visse nos mares sepultar-se aquela dor.**

De modo geral a Sereia deseja usufruir-se da posse corporal do marítimo: magnetizante, aterradora, aziaga, atraindo as caravelas para os rochedos e ocasionando naufrágios.

Consoante poetas e ficcionistas há sereias de cabeleira loura, d'olhos azuis, alvas como espumas que se retalham nas cristas das ondas, e sereias morenas (Iara), d'olhos e cabelos negros; ou ainda muito alvas, loiras e de olhos verdes.

A mais preferida é a do Mar, dir-se-ia semelhante a Vênus desprendendo-se de uma concha alvinitente, embora não faltem em poesia e ficção as muitas Naiades do **hinterland**. Diga-se de passagem, o Des. Antônio Soares de Araújo descreveu a **Iara** da região amazônica, onde corre o rio Maguari, com **longos e aureos cabelos anelados**, e olhos de **verde-mar**, coisa que me parece imprópria, em contraste com a imagem "cabôcla" da deusa aquática do silvícola, morena, d'olhos negros e cabelo corredio.

Otácilio de Azevedo, grande no pincel e na poética focalizou o Peixe-mulher como símbolo de ilusões perdidas, conforme o soneto **OCEANO OCULTO**, assim:

> **Há no meu peito um mar revolto, e em ruína, / velas soltas, a Nau da esperança a flutuar, / de onde se ouve, alta noite, a voz clara, em surdina, / de sereias, prateando os colos nus, ao luar... / Ouvindo, muita vez, essa orquestra divina, / do Chopin que não há no pranto incontido do mar, / penso no eterno bem que minha alma imagina, / e que os meus olhos nunca mais hão de encontrar... / Toda vez que ao seu dorso o dúbio olhar mergulho, / e oiço esse íntimo e vago e queixoso marulho, / sinto não sei que amargo e imprevisto temor... / São minhas ilusões as sereias... E oh! tu, largo oceano, que estrondas, / és o pranto que verto em meus sonhos de amor!**

Parece que ainda não houve quem se interessasse em editar uma Antologia de versos sobre a Deusa do Mar-oceano. Devem existir no país milhares de sonetos publicados em jornais e revistas de cultura. Veja-se o magnífico **NEREIDA**, de Antônio Sales, pérola da poética cearense, lavor autêntico de artista dir-se-ia escandinavo, na maneira luminosa das tintas em tela imortal:

> **É de origem marinha, certamente / Algo de um gênio salso se revela / Naquela boca de coral, naquela / Coma ondulada de âmbar transparente. / Parece que, ao marchar, nada no ambiente, / E sob a gaza diáfana, que a vela, / Tem rubores de concha a face dela, / E o seu colo é de espuma consistente. / Do pego austral, que um sol hiberno doura, / Deve ter vindo esta nereida loura, / Que as algas não mais vestem com seus folhos. / E não me surpreende que ainda traga, / Como lembrança da materna vaga, / Dois pingos de água cérula nos olhos.**

Importa observar que em algumas ocasiões a Sereia e Tritão completam-se em tema de sensualismo, som, luz cor, como ocorre no soneto **CENA MARINHA**, de Alfredo Miranda de Castro, outra peça literária cearense de especial magnitude:

> **Nadando, acaso, sobre a emaranhada teia / Das algas, dos corais, dos pólipos gigantes, / Um tritão encontrou uma jovem sereia / Divagando, a cismar cismas de almas amantes. / Logo, o monstro marinho, inflamando-se, anseia / Por abraçá-la e tê-la. Ela o sente. Mas, antes / Desejando morrer, foje do monstro, cheia / Do mais justo pavor dos seus olhos chispantes. / Sobe. Apressa-se mais. Chega, por fim, à tona / Das águas. O tritão chega também. Desata, / Após ela, a correr / mais e mais a ambiciona. / E, na porfia, os dois, em disparada, às soltas, / Vôam. Na flor do mar há fulgores de prata / E um contínuo chofrar de águas revoltas.**

No fim de contas, deuses e deusas, uma fórmula mítica, quase de canção marinheira. Por isso cantemos com J. - E. Casariego, de Espanha:

> **Oh mar, radiante de sensual latido! / la piel del agua tiene azul de cielo —, de Poseidón y Hera, claro y clásico, / con las nereidas y con los tritones, / como en lira helénica que vibra / al hexámetro homérico de Ulisses. (14)**

* * *

Há diversas maneiras de interpretar a índole de uma Nereida. Ela pode ser egoísta, pode ser vingativa, pode ser interesseira e, neste caso, amorosa também, mas sempre dominadora.

Humberto Peregrino mostra através de um "desafio" dos norte-rio-grandenses Cego Anísio e Manuel Cirilo o seguinte: diz Cirilo, ao som da viola — **há no mar uma sereia / Metade peixe e mulher / Quem escuta essa sereia, / Consegue tudo que quer.**

Conta Luís da Câmara Cascudo que em Angola as sereias "facilitam a pescaria, levando os peixes às redes dos fiéis, ou afugenta o pescado, fazendo os pescadores regressarem com o barco vazio e famintos."

E agora?

Sobre aquelas palavras do Almirante Colón, a propósito de sereias na Guiné, acho conveniente insistir sobre o ponto-de-vista de Câmara Cascudo (**Made in África**), quando se refere a três tipos, decorrentes de suas observações feitas em Angola. Segundo o autor existem ali: a) **Quituta,** habitando nos rios, lagoas, montes e vales; b) **Quianda,** marítima, vivendo ao redor de Luanda, tendo velha morada nos rochedos vizinhos à fortaleza de S. Miguel, entre Marginal e a praia do Bispo; d) **Quiximbi,** morando em rios e lagoas de Mkaba, Lucaia e Cuanza. As terrestres têm forma de animal, e as marítimas são peixes grandes resplandecentes, metade mulher.

Acentua Câmara Cascudo:

"As sereias angolanas não possuem a característica de suas irmães mediterrâneas, **Seiren**, a sedução maviosa, atração pelo canto irresistível. Não se apaixona e casam com os mortais como as ondinas do Reno ou Mães d'Água do Brasil. Surgem para receber festas e mergulham, desdenhosas, retomando a soberania nos seus distantes reinos encantados."(15)

Sebastião Lopes, em Carta de navegar de 1565, apresenta duas sereias, colocadas sobre a Linha Equinocial na parte do Brasil: uma, branca, de longa cabeleira; a outra, escura, cabelo curto, portanto africana...

A meu ver, o peixe misterioso do mar — **Ondinas** e **Nereidas** — em Ásia, África, Europa e América era a Foca, mamífero da família dos Fócidas. O espécimen macho — **cara de hombre** — seria o Leão-marinho.

Houve, porém, outras espécies, conseqüentes da colonização dos hemisférios americanos, restritas aos litorais e aos rios caudalosos: a) Manátida, da ordem dos Sirénios, comum outrora em Nova Espanha; b) Boto **(Inia geoffrouyensis)**; c) Peixe-boi ou Vaca-marinha.

Com referência ao Boto, em tupi: **Pirá-jagoara** ou jaguar-peixe, transcrevo para aqui as observações feitas por Moacir Couto de Andrade, do Instituto Histórico e Geográfico do Amazônas, em termo de Folclore:

"Chama-se boto, ao golfinho da Amazonia. Em qualquer rio ou lago da grande rede potamográfica ele aparece com seus saltos solitários ou em grupos. O bôto é o elemento mais popular da mitologia amazônica. Suas lendas multiplicam-se com o tempo e diferem com as regiões culturais dessa enorme área. É o grande conquistador das cunhantãs desavisadas dos beiradões dos nossos rios, paranás, furos, lagos, que as vai perseguir na beira d'água ou no quarto de dormir. O bôto é pai de todos os filhos das mães solteiras da Amazônia. Ser encantado, possuidor de um magnetísmo pessoal irresistível,

freqüenta os bailes, os aniversários, as farinhadas, e todos os mutirões onde se juntam cunhantãs que não resistem as suas investidas. À noite transforma-se num belo rapaz que conquista a quantas lhes caem sob os olhos. Com chapéu de palha que nunca tira da cabeça e seu terno de casemira preta, seduz todas as moças, donzelas ou casadas que as transformam em amantes. Existem duas espécies de bôto: o bôto defensor das virgens e dos náufragos, que os empurra até a margem do rio. O bôto tucuxí ou bôto vermelho, é o famigerado devorador de honras femininas. O sexo, os olhos e até o couro, são tratados pelos curandeiros para fins mágicos."(16)

O autor diferencia **boto** de **iara.** Esta é a Mãe-d'Água, de **yg** = água + **ara** = senhora. Parece-me que se deveria escrever assim: **Ig-iara.** Conforme Gonçalves Dias, **YARA** significa Senhor, dono, o mesmo que **jara,** também significando hora, dia, ocasião, tempo, mundo. Conseguintemente, **IARA** — SENHORA, e nada mais. Senhora das águas, daria **Ig** + **Iara.**

A lenda do Bôto conquistador é conhecida no Nordeste brasileiro. "Olho de Boto", de quem deseja apossar-se fisicamente de uma mulher. O contrário de "Olho de Curu", o invejoso, azíago.

Tarcísio Medeiros escrevendo a propósito de amuletos populares do Nordeste cita, dentre o "rabo de tamanduá", o "chocalho de Cascavel" e o "dente de jacaré", o conhecido "olho de boto", destinado a evitar mal olhado.(17)

Quanto ao Peixe-boi, em tupi: **Guaraba,** leio em Moacir Couto de Andrade, que se trata de **T. Inunguinis,** espécie amazônica, de cor preta variando para o cinza, com mais de três metros de comprimento e peso de 200 a 350 quilogramas. Alimenta-se de canarana e ervas. O autor, baseado em Couto de Magalhães, afirma que o Peixe-boi, de cabeça pequena e duas nadadeiras, existira em litorais desde Santos até Iguape, Estado de S. Paulo. Na Era de Quinhentos talvez ele tivesse presença em toda a costa brasileira. Pelo menos o nosso Gabriel Soares de Sousa, conforme li no seu **Roteiro,** cópia em castelhano, pertencente à Biblioteca Nacional de Madri, situou-o

no Ceará, isto é, na enseada do Retiro Grande, município do Aracati. Diz ele:

> **En la vaja mar della** (enseada) **se descubren muchas fuentes, donde vienen a beber, por ser agua dulce, una especie de Buyes** (bois) **de que aqui hay muchos que se matan con Arpón, así por la gente particular que aqui habita, como por de las Caravelas de la Costa, que pasan por ella.** (18)

Escritores há que acreditam ser o Boto a **Iara** dos silvícolas, transformada pelos poetas e contistas em mulher equivalente à Sereia marinha. Lendas locais, portanto, independentes daqueloutras **oceânicas** restritas aos nautas fenícios, vikingues, árabes, indianos e europeus.

Exemplo de sereia **oceânica** são os espécimens cinzentos de focas que habitam nos rochedos do País de Gales. Ouvindo-lhes o ruído gutural, especialmente quando se encontram n'água, expondo uma cara de ligeiro aspecto humano, pode o espectador captar no espírito a imagem verdadeira da Sereia dos antigos navegadores atlânticos. Curioso é que existindo elas em rochedos de ilhas e continentes não tivessem proporcionado aos nautas uma identificação com as misteriosas aparições em alto-mar...

Como acontece com o Delfim, peixe fidalgo e elegante no nadar, atualmente perseguido pelos pescadores da ilha de Iki, no Japão, sob a alegativa de que se trata de animal nocivo — **bandidos do mar** — só servindo de repelir os peixes procurados para alimento, sobretudo na península de Izu, cresce a cada dia o extermínio da Foca, devido ao alto valor comercial da sua pele. Principalmente no Canadá. Conforme os comentaristas internacionais, depois da Baleia é a Foca o peixe mais procurado, motivo por que os governos norte-americano e canadense proibiram a caça nos lugares chamados "Santuários", onde ocorre a reprodução da espécie. No Brasil a "guerra" se processa contra a baleia e o Peixe-boi, a primeiro para a produção de óleo e outros derivados, e o último por causa do couro industrializável.

* * *

Afinal de contas, Sereias **oceanus-fluvium-lacus** ocupam quase todos os âmbitos da inteligência humana: música, escultura, pintura, prosa, ficção, folclore, poética e técnica. Por exemplo: marinheiro que se prezava tinha de tê-la gravada no braço ou no peito, natural substituta da âncora. Um movimento muscular emprestava-lhe viveza. Era a maneira de fazê-la "mexer" os quadris.

Sempre triunfante, sem pedir licença às Ninfas mais remotas da ingênua mitologia: uma Syrinis transformada em caniço ao ser caçada por Pan, ou uma Aretusa convertendo-se em fonte para subtrair-se à sedução de Alfeu, a Nereida é universal e intocável.

Da epopéia de Ulisses atravessando o **estreito das sereias**, até nossos dias, a deusa transformada em Mulher permanece em pedestal.

São muitas as notícias e a toponimia. No baixo Alentejo, em Portugal, há o **Cabo de Sines**. A meu entender, corrução **SIRENES**, o promontório das **sirenas**, porém não tão lúgubre como o das ocorrências de um outro na Lucânia, segundo F. Alves de Andrade, no qual os terríveis duendes converteram num monte de ossadas os navegadores que por ali haviam passado.

De mau agouro ou não, ei-la, às vezes, substituindo o Delfim como ornamento pictórico nas popas das caravelas, somente omitida entre os vikingues, que preferiram a Serpente do Mar como adorno.(19)

Aliás, Sereia não se separa do cotidiano. Basta ouvir o menestrel Dorival Caymi deplorando a sorte do **marinheiro bonito** que a sereia do mar levou.

Ei-la, prateada, como a do préstito da escola de samba "Império Serrano", do Rio de Janeiro, vitoriosa no Carnaval

de 1982, com oitenta e quatro pontos. Recostada numa onda, tinha aderaços no pescoço e no cabelo, e na mão um espelho de prata.

Sereias gostavam de espelhos e de instrumentos de corda. Veja-se a Carta marítima de Pierre de Vaux, 1613, da Biblioteca Nacional de Paris: duas sereias entre as ilhas de Cabo Verde e Antilhas pequenas, sentadas sobre o mar, miram-se vaidosas em seus espelhos. Lindas são as que se pintam no teto do Real Palácio de Sintra, em Portugal: uma delas emerge do oceano tocando guitarra, enquanto que a outra, de seios túmidos, ergue o braço saudando uma caravela que passa...

Na capital da Bahia temos a **Praia da Sereia.** Uma sanga, no município de Vacaria, no Rio Grande do Sul, chama-se **Sirena**...

Em Madri, no parque do Retiro, vi os vultos de **Sirena** e **Tritón**, filho de Netuno e Anfitrite ornamentando a **Fonte de la Alcachofa**, monumento de Ventura Rodrigues construido em 1781-82. Em Fonteviecha, ainda na Espanha, há uma localidade com o nome de **Villanueva de la Sirena**, e é bom recordar que, no Estado de Guanaxuate, no México, existe um lugar que atende pelo nome de **Mina de la Sirena.**

Encontram-se sereias em toda parte. Por exemplo: na capa do opúsculo **LE MARQUIS DE SADE**, descrição da vida do sensual Donatien Alphonse François, exemplar do Museu Britânico. A sereia deixa-se cavalgar por um **Fauno** terrível pelo fulgor dos olhos, violentamente satânico pela conformação do corpo semelhante ao de **Pan**, inventor da Flauta, com seus chifres recurvos e cascos de bode. O peludo monstro contrasta com a beleza da deusa de cabelo fulvo.

A propósito de **Pan**, o flautista astucioso e sensual, não posso deixar de transcrever para aqui o expressivo soneto **A MORTE DE PÃ**, de Alfredo de Miranda Castro, pernambucano radicado em Fortaleza (1873-1926):

Estendido no chão, no mais denso e profundo / Do bosque, dorme Pã. Dorme e fala. Delira. / Deixai-o des-

cansar, que o deus é moribundo. / Vede-lhe a avena ali: por seu sopro suspira. / Mas encontram-no, acaso, as ninfas. Sobre o imundo / Fauno, que as perseguia, elas todas, em ira, / Com chufas e bastões lançam-se agora, a fundo, / Até que o deus, gemendo e soluçando, expira. / Então, uma, sem dó, os chavelhos lhe arranca; Outra os olhos espeta; outra lhe rasga a boca; / Outra, com a própria avena, o pé de cabra espanca. / Depois, dando-se as mãos, ébrias do mesmo gozo, / O bosque inteiro atroando em grita imensa e louca, / Dançam em derredor do sátiro asqueroso.

Afinal, os Faunos do Marquês de Sade e o peludo Pan são inexpressivos em confronto com as Nereidas manhosas, amoldadas mais para o Amor, a Beleza e a Glória no conceito dos poetas.

Sensuais, brancas sereias, como aquelas do **LIVRO QVE DA REZÃO DE ESTADO DO BRASIL**, cabelos em conchas, a parte ictiforme enrolando-se para o alto, ornamentada de minúsculos búzios e compridas algas verdes.

São inumeráveis as esculturas e as telas. Haja vista a **Sereia** de Alfredo Volpi, dimensão 1,41 x 2,54m, painel em verde, branco e azul, avaliado em leilão de abril de 1977 da **Petit Galerie** de S. Paulo em 1,2 milhão de cruzeiros.

Em Fortaleza a TV-VERDES MARES mantém o troféu **Sereia de Ouro** para as pessoas que mais se destacam durante o ano nos diversos setores da vida fortalezense.

Termino esta jornada com nosso amigo e consócio do Instituto do Ceará, Prof. F. Alves de Andrade, que transcrevera o gênio da Lusitânia, Luís de Camões:

Cantem, louvem e escrevam sempre estaremos, / N'esses seus semi-deuses, e encareçam, / Fingindo, Magas, Circes, Polifemos, / Sirenas que com canto os adormeçam...

SEGUNDA PARTE
CURIOSIDADES DA ANTIGA GEOGRAFIA
1
VAZABARRIS

A carta de navegar mais antiga do Brasil, confeccionada no porto de Santa Maria de Cádiz em 1500, regista o rio Acaraú, no Ceará, com o nome do **Rº de baziabariles.**

Durante anos procurei decifrar o sentido oculto de **baziabariles**, palavra que se repete no mapa de Egerton, 1508, do Museu Britânico, com ortografia diferente: **riu de uaizabariles.**

"Vaza" significa escavado, e "vazador" o que escava, corta, fura; inclusive "vazadura", aquilo que escapa (o líquido) por um orifício, e também "vazante", refluxo da maré, ou ainda, vale úmido. Quanto a "barril", trata-se de pipa de madeira.

Em suma, **baziabariles**, algo que fura o barril.
Em 1969 escrevi:

> ... "a tradução de **baziabariles** não significa lugar de "aguada" como propôs o autor, (Th. Pompeu Sobrinho) ao citar este topônimo: "é possível que recorde aguada de alguma expedição que velejou por aqui no decurso dos dois primeiros lustros do XVI século." O topônimo aparece também na carta de Cavério — **Vazabaril**, mas referindo o rio Real, em Sergipe. De conformidade com o PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2ª edição, sabe-se que o termo **bazabarris, s. m.** quer dizer "enseada ou costa onde se dão muitos naufrágios". Frei Vicente do Salvador esclarece a mesma coisa ao mencionar o rio Real: "Na enseada de Bazabarris, onde se perdem muitos navios por causa dos recifes que lança muito ao mar." (20)

Obviamente, o conceito de "lugar de aguada" está fora de cogitação. Mas, qual a causa dos naufrágios? Qual o sentido exato da palavra "barril"?

Em 1974 conseguiu desvendar o mistério por simples indução:

"O nome "vazabarrio" apareceria depois na costa do Leste, mas de origem portuguesa, nomeando a Praia dos Mangues, em Sergipe, depois transferindo para o atual rio de Vazabarris." Após transcrever aquele passo de Frei Vicente, esclareci: "Subentende-se (do mencionado frade) que os naufrágios sucediam fora da barra. Isso nos leva a acreditar que "vazabarril" guarda sentido estrito. Em marinharia aplicavam-se a certo cabo de cânhamo uns nós apelidados de "barris" porque tinham forma de pipa. Esse cabo, provavelmente quando lançado em álveo rochoso era, às vezes, cortado pelas arestas dos recifes — **ratos**, disso resultando descair o barco à matroca, até colidir com os baixos e naufragar. O termo: "rio de **vazabarril, barris** e **barriles** traduzir-se-ia em ancoradouro onde as pedras (**ratos**) cortam (**vazam**) o cabo (**barril**) de amarração." (21)

Portanto, o que vaza o barril (cabo, e não pipa de madeira) é a rocha submersa.

Lendo agora a HISTÓRIA NAVAL BRASILEIRA, 1975 (22), encontrei no artigo de Rolando A. Laguarda Trías (23), referência à palavra **Ratones**, pedras existentes nas Ilhas das Torres, na costa do Uruguai. O autor se refere ao VOCABULÁRIO NÁUTICO do Doutor Diego García de Palacios (24) no qual se interpreta **Ratões** como sendo **"piedras con puntas y cortadoras que rozan y ratonan los cables y amarras con que el navio está surto."**

Eu estava certo na minha tradução do topônimo.

Dos COMENTÁRIOS de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, Laguarda Trías transcreveu este tópico, concernente às ilhas de Cabo Verde:

"En esta isla hay muy mal puerto porque a do surgen y echan las anclas hay abajo muchas peñas, las cuales roen los cabos que llevan atadas las anclas y cuando las van a sacar quédanse alli las anclas; y por esto dicen los marineros que aquel puerto tiene muchos ratones, porque les roen los cabos que llevan las anclas y por esto es muy peligroso puerto para los navios que alli están si los toma alguma tormenta."

Sem mais nenhuma dúvida os "ratos" cortavam ou "vazavam" os "barris" ou cabo de amarrar a embarcação, ponto de vista que sustentei linha por linha em 1979: **"En marinanaria aplicabanse a un cable de canamón unos nudos o "barriles". Tal cable cuando lanzado en álveo lleno de rocas podia ser cortado, resultando el navío descaer y colidir con los bajios. En resumen, río de baziabariles debe ser traducido así: lugar donde las piedras (ratos) cortan (vazan) el cable (barril)."** (25)

Até hoje não houve contestações de historiadores espanhóis sobre a minha interpretação, mormente quanto ao meu distinguido amigo, Comandante R. Barreiro-Meiro, do Museu Naval de Madri. (26)

2

AMÉRICA, ANTES DE CRISTÓBAL COLÓN

Às duas horas da madrugada de 12 de outubro de 1492 o marujo Rodrigo, de Triana, viu a terra procurada pelo Almirante Cristóbal Colón, conforme o **Diário** de bordo: "Y porque la caravela **Pinta** era más velera e iba adelante del Almirante, halló tierra y hizo las señas que el Almirante había mandado. Esta tierra vido primero un marinero que se decia Rodrigo de Triana." (27) Estavam em **Guanahani**, uma das ilhas lucayas.

Transcorridos tantos séculos desde o glorioso evento eis que, em 1965, precisamente na data comemorativa do Descobrimento da América, a Universidade de Yale, em New Haven, deu a conhecer esta notícia sensacional: **Vikingues** haviam estado na Península do Labrador e na ilha de Terra Nova, por volta do século X, segundo um Mapa apenso a manuscrito do século XV adquirido de um antiquário europeu.

Robustecia-se desse modo o valor das inscrições rupestres existentes na **Digton Roch** de Massachusets, na **Monhenton Rock** do Maine e em Spokane, como também as das ruinas de Newport, em Rhode Island, assinalizadoras de explorações executadas pelos normandos muito antes da odisséia de Cristóbal Colón!

Silvio Lattuada, Presidente do **Instituto de Cultura Americana** em Tampico, México, publicou na "Revista Tamaulipas", em 1947, um interessante artigo a propósito desse assunto, sob a epígrafe: **America: descubierta por los Vikingos?... O por los chinos?**, no qual transcreveu a opinião do historiador espanhol Gastón Baquero.

Disse o citado historiador:

> **Creo yo, que todos los argumentos válidos han sido acumulados através del tiempo por los grandes historiadores y geógrafos, incluyendo a muchos notables norteamericanos. La possibilidad de que hubiesen tocado en tierra del Nuevo Mundo acaso varios navegantes descarriados, llevados allí por las corrientes o por las tormentas, pero en quienes no hubo nunca intención de hallar nuevas tierras ni permanecer en el hallazgo forfuito; no ha sido negada nunca por nadie, pero si se le quiere da importancia de descubrimiento a la de los vikingos, yo presentaria como caso de justicia y de contraste el del navegante chino Huei-Sing, el hombre que llegó a Fu-Sang (México actual con toda probabilidad) en el primer año del reinado de la dinastía de Tsi, año 499 de nuestra era. Hay más motivos para pensar que**

de cierto llegaron los chinos, arrastrados por el Kuro-Sivo, a México y la América Central, y, las islas Aleutianas, antes que los escandinavos. Las descripciones de Fu-Sang (México), de "El reino de las mujeres" (América Central) y de la "Tierra de los Cuerpos marcados" (Islas Aleutianas) así como del "País del Gran-Khan" (Columbia Britância) son curiosísimas. Pero aun cuando aparecieran los mapas de Huei-Sing y de otros navegantes chinos, quería esto decir que el descubrimiento de América, o sea, la incorporación del Nuevo Mundo a la geografía y a la civilización de occidente, fue obra de los chinos...?

Em resumo, não se pode refutar aquele documento da Universidade de Yale, nem tampouco as inscrições rupestres supracitadas, mas a verdade inconteste é que o descobrimento de Cristóbal Colón foi causa primeira e única de **transculturação** européia, a semente que a Idade Moderna vinha de plantar no solo americano.

Carlos Sanz, por exemplo, quis dizer isso mesmo em um dos seus ensaios de 1965:

"En estas páginas se plantea el DESCUBRIMIENTO DE AMÉRICA dentro del marco general de la HISTÓRIA, de modo que el GRAN ACONTECIMIENTO aparece como etapa fulgurante de UNIFICACIÓN UNIVERSAL. Las incidencias del tipo del mapa presentado recientemente por la Universidad de Yale, no tiene cabida en este proceso, del que quedan, por tanto, razonablemente excluidas." (28)

Se vikingues e chineses estiveram primeiro na América, isso em nada deminui a glória dos espanhóis, do mesmo modo quanto aos portugueses, antecipados pelos fenícios na circunavegação da África, antiga **Líbia**, por ordem do faraó Necao, de que é espelho também inconteste o **Mapamundi** de Herodoto, 450 **a. C.** (29)

3

A ILHA DE SÃO LOURENÇO

Conserva-se no Museu Britânico o Atlas de Egerton, no qual existe um manuscrito, nº 2803, intitulado **Terra Sancte Crucis**. A nomenclatura, variegada de topônimos portugueses e espanhóis, começa na costa do Leste e termina na de nor-noroeste, no antigo Golfo de Paria, na Venezuela. Supõe Roberto Levillier, **America la bien llamada**, que ele teria sido debuxado em 1508 por Amerigo Vespucci, piloto e cartógrafo da **Casa de Contratación de Sevilla**, como registo de viagens castelhanas, sobretudo as de Alonso de Hojeda.

Cumpre, porém, advertir que alguns topônimos dos litorais brasileiros são originários de navegações portuguesas de 1501-2 e 1503-5. Interessa-nos nesse Mapa rudimentar a ilha situada acima da inflexão continental, crismada de **s. leo insula**. Ainda que o desenho desobedeça as regras cartográficas modernas não resta dúvida que o cartógrafo fixou o arquipélago de Fernão de Noronha, cujas coordenadas são 3.º50'27" — 32.º24'52" **Gw**.

Para o Prof. Duarte Leite, demolidor-mor do itinerário de Vicente Yáñez Pinzón no Brasil, a ilha de Egerton representa os penedos de S. Pedro e S. Paulo, em 0055'28", N-29.º22'32" **Gw**, descobertos em 1511 por Morgue de Brito, capitão da Armada de García de Noronha, mas não tem senso, como passaremos a mostrar. Efetivamente, nesse mister de divergir temos luz própria, ou por outra, temos erudição, para a qual, no dizer de Joaquim Ribeiro, **não se dispensa o espírito crítico**, benefício que, sublinha Ribeiro, **nem todos os que estudam a nossa história dele dispõem**. Vamos aos fatos.

Acerca da Viagem suscitada por Duarte Leite vale a pena ler-se o manuscrito de Simão Ferreira Paz, de 1650, descoberto em 1937 pelo saudoso Almirante Dídio Iratim Afonso

da Costa, quando era Capitão-de-Fragata e que, merecidamente, a vista de suas qualidades excepcionais de homem devotado à nossa história marítima, exercera, já como Capitão-de-Mar-e-Guerra, o cargo de Diretor do Serviço de Documentação da Marinha do Brasil. Trata-se da **Recopilação das famosas armadas portuguesas que para a Índia foram, desde o ano em que se principiou sua gloriosa conquista — 1496 a 1500.**

Simão Ferreira Paz, escreveu Alberto Ribeiro Lamego, foi Guarda-livros da **Casa da Índia,** nomeado a 18 de novembro de 1644. O documento teria vindo para o Brasil com outros livros por ocasião da transferência do governo de D. João VI de Lisboa para o Rio de Janeiro.

Na parte relacionada com a viagem de Garcia Noronha, está salientado no manuscrito que a Armada deixou o Tejo em abril de 1511, com destino à Índia, e a meio caminho houve vista dos penedos de S. Pedro e São Paulo, conforme o tópico que se transcreve:

> **Seguindo D. Garcia sua viagem e não podendo dobrar o cabo de Santo Agostinho, quis o seu piloto fazer-se na volta da Guiné, para tomar outra mais larga sobre o mesmo cabo, na qual travessia se houvera de perder em um penedo que acharam no meio daquele golfão, no qual de noite, foi dar a nau São Pedro, do Capitão Jorge de Brito, em razão do qual perigo e do nome da nau que deu no penedo, ele houve e que hoje tem de São Pedro, como anda na carta de marear, que é uma rara maravilha ver em tanta profundidade de mar um rochedo aparecer sobre as águas.**

Duarte Leite menciona Morgue de Brito, e não Jorge. Na verdade a nau **São Pedro** era de Manuel de Castro Alcoforado. A de Brito se chamava **Santa Maria da Luz.** Pequena controvérsia sem interesse imediato. O fato é que o nome do penedo provém do sinistro do navio **São Pedro.** (30)

No caso de Egerton, a acreditar em Duarte Leite, a ilha **S. LEO INSULA** reproduz o penedo em questão. Verifica-se, no entanto, que: 1.º, o desenho é da ilha — **INSULA**, e não penedo; 2.º, o topônimo nada tem que ver com o apóstolo de Jesus Cristo, pois está consignado: **S. LEO.** Merece ser também lembrado que o fundamento lógico de Duarte Leite reside no nome da ilha, ponto de vista erudito, porém frágil e sem nexo.

Para o demolidor-mor do **periplum** de Pinzón, a palavra **LEO** refere a pessoa do Papa Leo, Mártir. Na data comemorativa desse santo teria sido descoberto o penedo. Hipótese que se contradiz ante o tópico da **Recopilação** supracitada. **São Pedro**, penedo, porque nele naufragou a nau deste nome.

O argumento de que o Papa Leo se inscreve no elenco de santos do **Regimento de Munique**, como reforço à sua teoria não convence. O topônimo da viagem escapou à regra de batismo do Calendário de bordo. Como vemos, **S. Pedro** não se correlaciona com **S. Leo**, nem este indica o penedo.

Nos escritos de Duarte Leite os prognósticos não são muito realísticos. Em outras palavras, nem tudo que reluz é oiro. Com efeito, o **E** do vocábulo **LEO**, mal delineado, corresponde a um inofensívo **C**, sem cedilha — **LCO**. Com o sinal sotoposto se esclarece a controvérsia: **LÇO**, abreviação de **Lourenço.**

Na carta hidrográfica o cursivo é de letras minúsculas, no qual melhormente se observa a coincidência do **E** com o **C**: — **s. leo insula** e **s. Ico insula**, exata grafia no mapa, sem cedilha. Fica pois explicado o mistério do **C** fechado, à guisa de **E**, quebra-cabeça do Prof. Duarte Leite.

Historicamente, a verdade se revela assim: a 10 de agosto de 1503 a Armada de Gonçalo Coelho, denominada de **especiarias**, descobriu a ilha de Fernão de Noronha, data comemorativa de São Lourenço, conforme se diz numa das epístolas de Amerigo Vespucci. Foi o primeiro batismo, mas este só chegaria ao conhecimento do rei no regresso de Coelho,

do Rio da Prata, em fins de 1505 ou começo de 1506. Quer dizer, Vespucci ao desembarcar na ilha a procura de ancoradoiro para a Armada viu-se de repente abandonado pelo Capitão-mor, que desaparecera com os navios restantes. Após navegar até o Cabo Frio, Vespucci regressou a Lisboa em 1504 com a notícia da ilha, porém ignorando o batismo dado por Coelho. El-rei, sabedor do evento por intermédio do florentino, que entrara no Tejo a 1º de junho, data exata de uma das cópias da epístola desse cosmógrafo sobre a viagem, doou o acidente a Fernão de Noronha, com o nome de **Sam Joham**, santo do mês.

Ora Duarte tem como **álibi** o fato de o mapa de Egerton exibir quase confronte ao cabo de Santo Agostinho uma ilha de São João muito grande. Esta seria o nosso Arquipélago. Na verdade o cartógrafo apenas repetiu por adicionamento a mesma ilha que refere a de Noronha, embora deslocada, dos mapas de Alberto Cantino e Juan de la Cosa. O de Cantino é de 1502, mas a ilha é de 1503, portanto, adicionamento de 1505-6. O de Juan de la Cosa, de 1500, também adiciona: **Ysla descubierta por Portugal.** Em fim, o autor do Mapa chamado de Egerton confundiu as coisas, isto é, desenhou Fernão de Noronha ou ilha de S. Lourenço e incluiu a mesma ilha mais ao sul com o nome de São João...

No planisfério de Cantino a nossa Fernão de Noronha chama-se **Quaresma**, traduzido por Harrisse como **Anaresma**, erro imposto à cópia manuscrita cromática impressa por **Becquet Fras. et Simon**, em Paris. Todavia, **Quaresma** não é agiológico como imaginaram Duarte Leite e outras sumidades da historiografia náutica. A nosso entender, trata-se de combinação de palavras em dialeto veneziano cuja interpretação é esta:

QUÀ, aqui (a ilha) + **RE**, rei + **SMA**, sereníssima.

A modulação gráfica deveria ser **Quaresmo:** esta é a ilha do **sereníssimo** rei, ou aqui está a ilha descoberta pelo rei **sereníssimo.** Daí por que, em Juan de la Cosa, se diz: **Ysla descubierta por Portugal.**

Nestas condições, o arquipélago só teve dois batismos: o de **Sam Lourenço** por Gonçalo Coelho a 10 de agosto de 1503, e o de **Sam Joham**, esporádico, de gabinete, a 24 de junho de 1504, pois o rei ignorava o crisma anterior, dada a ausência de Gonçalo Coelho, supostamente desaparecido nos mares.

Temos assim que Fernão de Noronha foi descoberta apenas uma vez. O **Quaresma**, interpretado por Duarte Leite como sendo agiológico (**Quem descobriu a ilha de Fernando Noronha?**) conseqüente de outro evento no espaço da quarta-feira de cinzas até domingo de Páscoa de 1502, hipótese que pesou na balança de Roberto Levillier, extingue-se, aqui, como novelo de fumo na linha do horizonte.

Antes de finalizar, desejamos recordar que Duarte Pacho Pereira assinalou a nossa ilha, **Esmeraldo de Situ Orbis**, com o batismo de Gonçalo Coelho: **Ilha de S. Lourenço**, em 4.°S, ao invés de 3.°50'27"S., distante dos penedos **S. Pedro** e **S. Paulo**, 625 quilômetros.

À margem destas conclusões, abre-se diante de nossos olhos o topônimo **Loronha** da cartografia quinhentista. Por exemplo: **Y. de Fernando de Lorogna — Fernão de Loronha — Fernando Lorona — dfernão Loronim — Y. hernando de Loroña**, além dos esboços do acidente variando conforme as fantasias dos cartógrafos.

Em Viégas, existe inclusive um **penedo loronha**, sem dúvida o Atol das Rocas. Em Petrus Poncius distinguem-se ao poente da Ilha um **Abrolho** e uma **Vigia** mais em baixo. Em Ioane Blaev o tal abrolho de Poncius se chama **Vigia** e na altura de **I. de Fernando de Noronha** há um círculo: **Rocas.** O **Noronha** de Blaev novidade do século XVII.

Noronha e não **Loronha** é problema passado a limpo pelo Prof. Duarte Leite. Os Loronhas, descendentes de família nobre de Inglaterra, emigraram para Portugal, já com brasão, confirmado por D. Manuel em 1506, e incorporaram-se com os **Noronhas**, resultando assim a mudança do nome do Arquipélago de Loronha para Noronha.

4

CONTESTAÇÃO A UMA FEITORIA PRÉ-COLOMBIANA EM PERNAMBUCO

Um dos acessórios de que se servem os revisionistas da monumental **História da Colonização Portuguesa no Brasil,** no interesse de corroborar a idéia da "intencionalidade" da descoberta de Pedr'Álvares Cabral, diz respeito à data da fundação da Feitoria portuguesa dita de Itamaracá. Isto, por causa da nau **La Pélerine** do Barão de Saint-Blanchard, ali fundeada em 1532, depois de arrasar o entreposto comercial, mas aprisionada pelos portugueses mais tarde, no porto de Málaga, incidente que motivou processo judicial no Tribunal de Bayone em 1539, movido por Blanchard.(31)

O historiador Jordão de Freitas, lendo esse processo concluiu sem mais nem menos que a fundação da **Feitoria** era de 1492, portanto realizada muito antes de Cristóbal Colón descobrir a América.

Fixou-se o ilustre dr. Freitas em um passo do documento francês, que diz o seguinte:

> **Entendem provar que no ano de 1531** (verdadeiramente, 1532) **em tal mês e ano a gente que se diz serem** (sic) **do autor** (Saint Blanchard) **foram ter a fernambuquo** (Pernambuco ou Itamaracá) **porto do Brasil, onde estava hum castelo e fortaleza feita por el-rey nosso sôr e seus vasalos portugueses a qual avya trinta anos e mais que no dito porto era feita e era o dito castelo e porto habitado pelos portugueses que tinham ay suas casas de morada avya quarenta anos e mais,"** et cetera.

A novidade fez eco nos meios literários, conquistando adeptos, e o nosso próprio amigo Luís da Câmara Cascudo endossou-a no livrinho **Dois Ensaios de História,** acentuando o seguinte:

"A primeira viagem de Cristóvão Colombo é de 3 de agosto de 1492, saída do Porto de Palos. Tomando apenas os quarenta anos da alegação de 1539, referente a fato delituoso ocorrido em 1532, apura-se que os portugueses em 1492 já estavam com residência normal fixada em Itamaracá, casas, armazéns para recolha de mercadorias exportadas para Portugal, castelo defensivo, guarnição militar regulamentar."(32)

Curioso!, guarnecida oficialmente em 1492, exportava produtos para Portugal sem que os armadores e comerciantes de proa, sobretudo os concorrentes de Itália, França, Alemanha e Espanha soubessem da existência física do Brasil, justamente quando se sabe que a descoberta da América repercutira, segundo Gómara, como **la mayor cosa despues de la creación del mundo, sacando la encarnación y muerte del que lo crió**, etc.

Nem Luís da Câmara Cascudo, nem ninguém na Europa provou com documento oficial a existência de **Feitoria** em Itamaracá antes da viagem de Cabral. Basta dizer, contrariando aos adeptos da "intencionalidade" ou pré-conhecimento pelos portugueses de um continente (com ou sem Feitoria) no Ocidente, que foi surpresa para todos os europeus — políticos, navegadores, geógrafos e cartógrafos — o achamento do Brasil em 1500.

Segundo João de Barros, os descobridores, crentes de que não havia terra firme ocidental à África, acreditaram que o nosso país era uma ilha assim como as Terceiras.

Damião de Góis adiantou que, pelo rumo em que a terra demorava, esta não podia ser nenhuma das outras já descobertas.

O Bispo de Silves afirmou que não houve nenhuma suspeita da existência de tal ilha.

Gaspar Correia disse que se tratava de terra nova "que nunca fora vista".

E Gandávo por seu turno afirmou que piloto algum ou outra qualquer pessoa imaginaram a sua existência naquela parte ocidental...

Ora no processo da **Pélerine** houve apenas deduções apressadas: castelo feito **HAVIA TRINTA ANOS E MAIS**, e povoação de **QUARENTA ANOS E MAIS.** Cômputos hipotéticos.

A primeira Feitoria pernambucana foi fundada em terra firme, fora da ilha de Itamaracá portanto, como se prova com a Carta de Doação de Pero Lopes de Sousa, de 1.º de setembro de 1534:

> ... "e as 30 léguas que falecem, começarão no rio que corta em redondo a ilha de Itamaracá ao qual eu ora, puz nome — **Rio de Santa Cruz,** e acabarão na Bahia da Traição, que está em altura de 6 graus: e isto com tal declaração que a 50 passos da casa da feitoria, que de princípio fez Cristóvão Jacques pelo rio dentro ao longo da praia, se porá um padrão das minhas armas", etc.

Ou mais positivamente na Carta de doação de Duarte Coelho, de 5 de setembro de 1534: **ficara com o dito Duarte Coelho a terra da banda do Sull do dito rio (da ylha de Tamaracaa) omde Cristovam Jacques fez a prymeira casa de mynha feytoria.**

Sem dúvida nenhuma foi Jacques o Fundador do primeiro entreposto, mais de dez anos após a viagem de Pedr'Álvares.

O Padrão de pedra liós de que fala o Rei, encontrado em Itapiçuna, em sítio que separa a foz do rio Igaraçu do outro que envolve a costa ocidental da ilha, está guardado no Museu do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

Resumindo, a Feitoria de 1516, arrasada pelos canhões de **La Pélerine**, é de 1516, e somente em 1527 o mesmo Jacques levantou outro entreposto, dessa vez na ilha, donde nasceu a **Vila de Nossa Senhora da Conceição** em 1534, hoje **Vila Velha.** (33)

Contando-se desde 1516 os **TRINTA ANOS E MAIS** do processo da **Pélerine**, para a inauguração da Feitoria portuguesa, reduzem-se em 1539, época do inquérito judiciário, a **vinte e quatro anos**, cômputo correto.

Dessarte, a povoação de Igaraçu, de **QUARENTA ANOS E MAIS** só se admite na ignorância de Saint-Blanchard. O máximo que se pode concluir é que o porto de Pernambuco ou Igaraçu era habitado por silvícolas desde 1500, uma vez que desta data até 1539 são **trinta e nove anos**, quase os quarenta do documento de Bayone.

NOTAS

(*) Publica-se esta coletânea em comemoração aos **trinta anos** de atividade de Guarino Alves de Oliveira como escritor (1953/1983). Sobretudo como Historiador e Geógrafo autodidata, firmou-se nos meios culturais e científicos estrangeiros, na qualidade de sócio correspondente do **Instituto de Cultura Americana,** Montevidéu, **Centro Cultural, Literário e Artístico** (Acadêmico Benemérito **Ad Honorem),** Felgueiras, Portugal, e **Instituto de Historia y Cultura Naval,** Madri, tornando-se figura das mais brilhantes nesse setor da literatura científica. (Fernando Câmara).

(1) Luís da Câmara Cascudo, **Lendas de Extremoz — Rev. Inst. Hist. Geog. do Rio Grande do Norte,** 32/34:85-95, 1935-7, fez referência às "cobras da lagoa". Conforme o autor, o imenso aquário está ligado a "uma série de lendas que datam do séc. 17.".

(2) Duarte Pacheco Pereira, **Esmeraldo de Situ Orbis.** Lisboa, 1954.

(3) Jean de Léry, **Viagem à Terra do Brasil, Rio, 1961.**

(4) **Diário de Colón. Libro de la primera navegación y descubrimiento de las Indias. Edición y comentario preliminar de Carlos Sanz.** Madrid, 1962.

(5) Doc. inserto em **O Descobrimento do Brasil,** de T. O. Marcondes de Souza. S. Paulo, 1945.

(6) Frei Vicente do Salvador, **História do Brasil** (1500/1627), S. Paulo, 1965.

(7) O conúbio de homem com animais não excede ao fenômeno dito teratológico, muito raro ou talvez imaginativo... Por outro lado, há casos aberrantes no reino animal. O escritor norte-riograndense Nestor Lima,

Municípios do Rio Grande do Norte, referiu-se a **homens-macacos** do lugar Quipauá, em Jardim do Seridó, "nascidos e criados até 1922." Eram dois irmãos e "apresentavam todas as características da espécie simiesca. Vieram a Natal e foram ao Rio de Janeiro, onde atraíram geral curiosidade." Afirma Nestor Lima que um enforcou-se nos punhos de uma rede, desconhecendo-se o destino do outro. Coisa espantosa viu um amigo meu numa fazenda do interior de S. Paulo: mantinha-se preso numa jaula um rapaz gordo e atarracado, cuja cabeça era mais volumosa do que o tórax. Ao invés de falar, soltava grunhidos de bicho feroz. Verdade é que tais manifestações teratológicas nada têm que ver com demônios, pois estes atuam apenas no plano do sobrenatural e influindo no comportamento psíquico das pessoas.

(8) **Notícia do Ipupiara** foi publicado na revista da **Academia Norte-riograndense de Letras,** vol. 29, p. 65, Jan/Nov. 1982, Natal.

(9) **Influência da Sereia na Imaginação do Homem** foi divulgado em xerox, em 1981, com o título de **Aspectos da Influência da Sereia na Imaginação do Homem.** O escritor F. Alves de Andrade teceu comentário a este respeito, **Influência da Sereia na Imaginação do Homem,** artigo inserto no "Correio do Ceará", Fortaleza, 8.5.1981, dizendo entre outras coisas o seguinte:

"Um oráculo predizia que a vida das sereias duraria apenas enquanto elas com a voz da sua sedução conseguisse deter os navegantes, matando-os de fome, esquecidos de si mesmos, da pátria e das famílias. Quando por ali passou Orfeu, este, para se livrar, tocou a sua lira e dela arrancou tanta doçura que as sereias emudeceram e atiraram os seus instrumentos no mar. Eis que é preciso fazer como Orfeu, vibrando a nossa cultura ou estudando e pesquisando, como o autor Guarino Alves, em sua pesquisa, faz tornar à vida o verdadeiro labor que fortalece o homem em sua viagem através dos ingremes e descuidados tempos em que vivemos."

(10) Frei Manuel Calado, **O Valeroso Lucideno.** S. Paulo, 1945.

(11) Luís da Câmara Cascudo, **História do Rio Grande do Norte,** 2ª Ed., Rio, 1980.

(12) **A União,** nº 2, Ano V, 1º de jan. de 1909.

(13) Vid. Sânzio de Azevedo, **Literatura Cearense.** Fortaleza, 1976.

(14) J. - E. Casariego, **Mares y Veleiros de España.** Madri, 1953.

(15) Luís da Câmara Cascudo, **Made in África.** Rio, 1965.

(16) Moacir de Couto de Andrade, **Alguns Aspectos da Antropologia Cultural do Amazonas.** Manaus, 1978.

(17) Tarcísio Medeiros, **Aspectos Geopolíticos e Antropológicos do Rio Grande do Norte.**

(18) Gabriel Soares de Sousa, **Derrotero de la Costa del Brasil y Memorial de las Grandezas da Bahia.** Publicado por Gláudio Gánns. Madri, 1958.

(19) Vid em Jean de Léry a sua opinião a propósito do Delfim.

(20) Guarino Alves, **Vicente Yáñez Pinzón.** Nota 12, **infra,** pp. 11/12. Rev. do Inst. do Ceará, t. LXXXIII, 1969.

(21) Guarino Alves, **Vera Cruz,** t. 1º, Vicente Yáñez Pinzón. (O descobrimento do Brasil pelos espanhóis). Fortaleza, 1974.

(22) **História Naval Brasileira,** 1º Vol. t. II. Ministério da Marinha. Serviço de Documentação Geral da Marinha. Rio, 1975.

(23) Rolando A. Laguarda Trías, **A Viagem de Martim Afonso de Sousa,** p. 370.

(24) Doutor Diego García de Palacio, **Instrucción Náutica para Navegar,** F. 152, v. México, 1587.

(25) Guarino Alves, **Vicente Yáñez Pinzón y Brasil.** Rev. Inst. do Ceará, p. 177, Nota 3, **infra,** t. XCIII, 1979.

(26) R. Barreiro-Meiro é um dos mais ilustres **americanistas** de Espanha, com o qual mantive contato pessoal no Museu Naval de Madri, em 1975.

(27) **Diário de Colón,** Cit.

(28) Carlos Sanz, **Consecuencias del descubrimiento de América deducidas de la bibliografía y tomando como eje los descubrimientos geográficos.** Boletín de la Real Sociedad Geográfica, t. CI, enero-diciembre, 1965.

(29) M. CarY e E. Warninton, **Les explorateux de l'Antiqueté.** Paris, 1932.

(30) Tratando-se de dois rochedos, passou-se a dizer: de **S. Pedro e S. Paulo.** Vide a propósito o trabalho de Duarte Leite: **Quem descobriu a Ilha de Fernando de Noronha?** Rev. do Inst. Arq. Hist. Geog. Pernambucano, t. XL, 1945.

(31) Vide João de Freitas, **O Descobrimento pré-colombiano da América Austral pelos portugueses.** Rev. do Inst. Arq. Hist. Geog. Pernambucano, t. XXIX, 1929, Recife.

La Pélerine deixara o porto de Marselha em dezembro de 1531 sob o comando de Jean Du Perret, armada de 18 canhões e equipagem de 121 homens. Arrasada a Feitoria pernambucana, ergueram um Forte, guarnecido de 70 soldados. Retornou a nau à Europa, comanda pelo Senhor Du Barran, conduzindo mercadorias no valor de 62.300 cruzados e, tendo aportado em Málaga para reabastecer-se de víveres, deixou-se Barrana enganar-se pelo Comandante de uma frota portuguesa, Antônio Correia, que, a título de comboiar a **Pélerine** até Marselha, prendeu-o, já na costa de Andaluzia, remetendo-o para Portugal com seus companheiros de aventura.

(32) Luís da Câmmara Cascudo, **Dois Ensaios de História.** (Tese para catedrático do Colégio Estadual). Natal, 1965.

(33) Pesquisa feita por Rolando A. Laguarda Trías, mostra que Cristóvão Jacques teria chegado em Itamaracá em abril ou em maio de 1527. Portanto, a segunda **Feitoria** deve ser desse ano, e não de 1526, como supõem alguns historiadores.